

I Ciclo de Palestras Online

Novas perspectivas para a História
Antiga e Medieval

DATA

23/04 a 11/06

Somente às quartas-feiras, das 19h às 21h

LOCAL

Em nosso canal no youtube
@Leir.Repertorium

INSCRIÇÕES

www.leir.ufes.br



FICHA TÉCNICA

COORDENADOR NACIONAL DO LEIR

Norberto Luiz Guarinello

COORDENADOR DO LEIR/ES

Gilvan Ventura da Silva

VICE COORDENADOR DO LEIR/ES

Belchior Monteiro Lima Neto

COORDENADORA DO REPERTORIUM

Érica Cristhyane Morais da Silva

COMISSÃO ORGANIZADORA

Edjalma Nepomoceno Pina
Anderson Leonardo Vaz Stein

CRONOGRAMA

● **23 DE ABRIL**

Thais Rocha da Silva (UFMG)

O Egito e o mundo bíblico: uma perspectiva a partir da arqueologia do espaço doméstico

● **30 DE ABRIL**

Juliana Figueira da Hora (Universidade de Münster/MAE-USP)

O Santuário da deusa Ártemis na Ilha de Tasos: uma análise arqueológica das conexões culturais e religiosas no Período Arcaico

● **7 DE MAIO**

Sarah Fernandes Lino de Azevedo (UFBA)

A participação política das mulheres na Antiguidade

● **14 DE MAIO**

Filipe Noe da Silva (UDESC)

A sociedade escravista de Finley e a África Romana: conceito e crítica

● **21 DE MAIO**

Eduardo Cardoso Daflon (UFMT)

O campo da História Medieval brasileira e suas autoavaliações

● **28 DE MAIO**

Renata Nascimento (UFG/PUC-GO)

Sacralizando cidades: relíquias cristãs e espaço ibérico no contexto medieval

● **04 DE JUNHO**

Carolina Coelho Fortes (UFF)

Fra Angélico, as mulheres e os homens: um olhar de gênero sobre os afrescos de San Marco de Florença

● **11 DE JUNHO**

Andreia Cristina Frazão (UFRJ)

O legendário abreviado de João Gil de Zamora: apresentação de uma proposta analítica

RESUMOS

O Egito e o mundo bíblico:

uma perspectiva a partir da arqueologia do espaço doméstico

Profa. Dra. Thais Rocha da Silva (UFMG)

As relações entre o Egito e o chamado mundo bíblico foram estudadas por muito tempo a partir da evidência textual. Contudo, uma profunda transformação na arqueologia do Levante e na historiografia da história de Israel permitiram pesquisadores revisitarem antigos pressupostos e formular novos modelos e narrativas que explicam a vida das pessoas que viviam nas fronteiras. O estudo do espaço doméstico, em particular, oferece uma visão bastante distinta sobre temas como colonização e hibridismo na cultura material, demonstrando uma complexa rede de relações entre egípcios e as populações locais no Levante. Muito do que foi dito sobre o tema se baseia na documentação funerária, que apresenta características e problemas próprios, os quais não podem ser projetados para outros aspectos da vida social. Nessa apresentação, exploro esses temas e questiono modelos que tratam da Egipcianização do Levante, além de discutir os limites das abordagens teóricas previamente propostas para a evidência arqueológica.

O Santuário da deusa Ártemis na Ilha de Tasos: uma análise arqueológica das conexões culturais e religiosas no Período Arcaico

Profa. Dra. Juliana Figueira da Hora (Universidade de Münster/MAE-USP)

O objetivo desta apresentação é explorar a documentação arqueológica do Santuário de Ártemis na ilha de Tasos, localizada no Norte do Egeu e fundada por gregos oriundos da ilha de Paros. A pesquisa foca no Período Arcaico, com ênfase no século VI a.C., período de maior destaque na produção local. Com base nos contextos arqueológicos, evidenciados por relatórios de escavação, nossas pesquisas observaram conexões sociais e religiosas significativas entre os materiais votivos associados à cerâmica de figuras negras de Tasos. As análises revelaram elementos que permitem interpretar o multiculturalismo presente nos objetos, o mimetismo e as inovações nas decorações dessa cerâmica. A pesquisa pôde identificar também na área do Santuário uma demanda expressiva, em termos quantitativos, de um tipo específico de vaso conhecido no mundo grego como lécana. Percebemos em nossas pesquisas que este vaso está carregado de informações e significados culturais. A investigação evidenciou relações intrínsecas entre as múltiplas facetas de Ártemis, ou seja, desde sua função como deusa protetora dos ritos de passagem até sua atuação na proteção das mulheres durante o parto. Tais aspectos reforçam o papel de Ártemis como protetora feminina no espaço cívico- religioso, em conexão direta com o oîkos, o espaço doméstico. Por fim, destacamos que a pesquisa foi orientada pelas perspectivas teóricas de entrelaçamento cultural, recepção e inovação cultural,

fundamentais para interpretar os vestígios materiais e compreender a complexidade das interações sociais e religiosas associadas ao Santuário de Ártemis em Tasos.

A participação política das mulheres na Antiguidade

Profa. Dra. Sarah Fernandes Lino de Azevedo (UFBA)

Esta apresentação visa discutir e explorar temas e documentos que revelam os aspectos da participação das mulheres na política em contextos da Antiguidade Mediterrânea. Em primeiro lugar, o objetivo será oferecer um panorama geral sobre o tema, buscando compreender as principais questões estudadas pela historiografia atual. Em segundo lugar, tendo como foco o recorte espacial de Roma e Núbia, e como recorte temporal os séculos II a.C à I d.C, será analisada a participação das mulheres na política em perspectiva comparada, buscando compreender a conexão entre África e península itálica.

A sociedade escravista de Finley e a África Romana: conceito e crítica

Prof. Dr. Filipe Noe da Silva (UDESC)

Esta conferência rediscute a presença da escravidão na África Romana. Após destacar a permanência do modelo de sociedade escravista proposto por Finley na historiografia contemporânea, especificamente os critérios endógenos que subsidiam seu modelo interpretativo, recorreremos à documentação epigráfica com o intuito de repensar a escravidão neste território a partir de uma perspectiva mediterrânea, baseada na conectividade e na interação entre o local e o global. Por meio da leitura de um documento epistolar de Agostinho de Hipona, ademais,

argumenta-se que a escravidão praticada no Norte da África, mesmo em período tardio, esteve atrelada à conectividade decorrente do processo de integração levado a cabo no Mediterrâneo em época imperial.

O campo da História Medieval brasileira e suas autoavaliações

Prof. Dr. Eduardo Cardoso Daflon (UFMT)

Os estudos sistemáticos sobre a Idade Média no Brasil são tão antigos quanto a própria universidade em nosso país, com a primeira tese de História Medieval sendo defendida em 1942 por Eurípedes Simões de Paula na USP. Desde então o campo cresceu bastante, sobretudo a partir dos anos 1980 e 1990 com a expansão e consolidação das pós-graduações. Apesar disso, até o começo do século XXI era uma área de pesquisa que ainda estava concentrada basicamente no Sudeste, só tendo se interiorizado de forma marcante com a expansão da rede universitária fruto do REUNI entre 2007 e 2015. Hoje trata-se de um campo diverso com especialistas em todas as regiões do país e praticamente todos os Estados da federação. Para tentar dar conta dessa diversidade, em 2020 comecei – em colaboração com meu colega Thiago Magela – um projeto de entrevistas com medievalistas, sendo entrevistadas(os) por volta de sessenta com professoras(es) brasileiras(os) e latino-americanas(os). Concluída a fase de coleta de dados começamos agora a analisar de forma mais sistemática as gravações visando promover uma reflexão sobre o campo dos estudos medievais no Brasil. Esta apresentação está diretamente relacionada com esse referido projeto, mas é uma etapa paralela de avaliação das revisões historiográficas. Nas últimas décadas foram publicados uma série de reflexões sobre produção

historiográfica brasileira relativa à Idade Média que apontam as linhas gerais de como o medievalismo se pensou por aqui. Considerar criticamente as interpretações do desenvolvimento dos estudos medievais brasileiros é o objetivo desta comunicação através de uma meta análise dos vários balanços produzidos até o momento.

Sacralizando cidades: reliquias cristãs e espaço ibérico no contexto medieval

Profa. Dra. Renata Cristina Nascimento (UFG/PUC-GO)

A criação dos lugares sagrados e a atribuição de poderes sobrenaturais a pessoas e objetos estão ligados à ação simbólica do homem. Tais fenômenos se desenvolvem, por um lado, como forma de expressão da espiritualidade, estabelecendo um elo entre sagrado e profano, e, por outro, como meio de organização de espaços socializados, nos quais as pessoas desenvolvem suas relações. Dentre os diversos elementos vinculados ao culto aos santos encontram-se as relíquias. Sejam restos mortais ou objetos que entraram em contato com os veneráveis, eles expressam, para os fiéis, um elo entre passado e presente, entre vivos e mortos. O desejo de aproximar-se do sagrado e de empregá-lo como estratégia nas relações de poder, produziu um volume de corpos e objetos, reconhecidos como maravilhosos pelos fiéis. Pelo valor dado às relíquias, pautado em crenças e nas relações de poder associadas à organização dos espaços sociais vistos como sagrados, elas tornam-se objeto de achados maravilhosos, traslados, falsificações, disputas, comércio e até furtos. Associados a tais fenômenos, há de destacar também a elaboração de narrativas. Neste sentido, foram compostos diversos relatos que buscam vincular as relíquias aos santos, explicar a sua posse, enaltecer

o seu poder miraculoso, santificar o lugar onde estão guardadas, etc. Neste sentido iremos analisar dois casos emblemáticos e de grande reverberação na Idade Média; A Arca Santa de Oviedo e os restos mortais atribuídos ao apóstolo Santiago, existentes na Catedral de Compostela.

Fra Angélico, as mulheres e os homens: um olhar de gênero sobre os afrescos de San Marco de Florença

Profa. Dra. Carolina Coelho Fortes (UFF)

Entre 1437 e 1450, o frade dominicano Giovanni da Fiesole, que viria a ser conhecido como Fra Angélico, pintou mais de 40 afrescos no convento onde passou boa parte de sua vida, San Marco de Florença. Um conjunto pictórico relevante se encontra nas celas individuais onde os frades dormiam e oravam. Essas imagens, tema de atentos debates por parte de historiadores da arte, no entanto não receberam a mesma atenção dos historiadores e historiadoras da imagem. Pretendemos, assim, propor uma análise do conjunto de afrescos dos dormitórios de San Marco a partir de uma perspectiva de gênero no intuito primeiro de entender como Fra Angélico representava o masculino e o feminino.

O legendário abreviado de João Gil de Zamora: apresentação de uma proposta analítica

Andreia Cristina Frazão (UFRJ)

Em fins do século XII, segundo Dolbeau, começaram a ser produzidas coleções de hagiografias, que reuniam textos que sofriam algum tipo de intervenção dos compiladores. Tais textos foram denominados como legendários abreviados. Este formato foi adotado pelos mendicantes,

que objetivavam a produção de livros de fácil transporte e menor custo, para que pudessem ser levados pelos frades quando praticavam a pregação itinerante. Um dos mendicantes que se dedicou a compor uma obra com este formato foi o frade menor zamorano João Gil de Zamora, tarefa que empreendeu em fins do século XIII. Tenho me dedicado ao estudo do legendário egidiano desde 2019. Em minha exposição traçarei reflexões sobre a trajetória do franciscano e o legendário à luz do contexto de sua produção, bem como sobre a metodologia que venho empregando na análise.



Inscrição e informações em:

www.leir.ufes.br

As palestras serão transmitidas em nosso canal:

www.youtube.com/@Leir.Repertorium

Acompanhe nossas demais atividades em:

www.instagram.com/leir.repertorium

www.facebook.com/leir.repertorium

www.x.com/LEIRrepertorium

